REVISTA CRIOULA

Maio de 2012 - Nº 11

Diário Acadêmico: "Escavações Jornalísticas em Portugal: em busca de um outro António Feliciano de Castilho"

por Eduardo da Cruz [*]

Casa de António Feliciano de Castilho - Lisboa

Meu primeiro contato com o escritor António Feliciano de Castilho (1800-1875) ocorreu no mestrado[1], quando eu pesquisava o romance de Alexandre Herculano (1810-1877) *Eurico, o Presbítero* e sua relação com a política da época[2].

---

[*] Doutorando em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/UFF. Pesquisa: Revolta e Esperança: a *Revista Universal Lisbonense* de António Feliciano de Castilho (1842-1845), sob orientação dos profs. drs. Ida Alves (UFF) e Sérgio Nazar David (UERJ)

[1] Em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, sob orientação dos profs. drs. André Bueno (UFRJ) e Sérgio Nazar David (UERJ).

[2] Como esse livro apresentava não apenas uma reação às mudanças que o

Isso me levou à *Revista Universal Lisbonense*, na qual Herculano apresentou o *Eurico* pela primeira vez ao público. Esse periódico era então redigido por Castilho que, inclusive, publica nele um artigo sobre o livro de Herculano. Apesar desse contato, Castilho ainda era para mim um desconhecido cuja obra não era bem vista na história da literatura.

Isso até quase o fim do mestrado, quando, numa das reuniões do Polo de Pesquisa de Relações Luso-Brasileiras, no Real Gabinete Português de Leitura – espaço que eu tinha passado a frequentar por conta da pesquisa na *RUL* –, a prof.ª Ida Alves, da Universidade Federal Fluminense, propôs a criação de um grupo de pesquisadores para analisar o conjunto da obra de Castilho, há muito tempo ignorada pela crítica e, em grande parte, desconhecida. A proposta surgira após ela ter analisado um conjunto de mais de 200 cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco que estavam guardadas e esquecidas no espólio do Real Gabinete e que indicavam que Castilho era um intelectual muito mais atento ao seu tempo do que a crítica tradicional vinha repetindo desde a "Geração de 70". Ingressei nesse grupo para investigar a atuação de Castilho na redação da *Revista Universal Lisbonense*, que foi um dos periódicos culturais mais importantes em Portugal em meados do séc. XIX. A partir desse estudo meu interesse por periódicos cresceu e acabei ingressando no doutorado da UFF para, justamente, analisar a *Revista*.

Após começar a leitura, sistematização e análise do meu *corpus*[3], percebi que havia algumas lacunas que não tinham como ser preenchidas apenas com a *RUL*, alguns textos críticos e biográficos. Para compreender melhor o papel de Castilho como redator, sua história na imprensa periódica, sua relação com alguns dos colaboradores da *Revista* e a própria relação dessa revista com outros jornais do período, era preciso ir a Portugal, onde eu teria acesso a vários

capitalismo levara a Portugal mas também apontava críticas aos rumos políticos do país, em plena ditadura de Costa Cabral, procurei nos dois periódicos em que ele começou a ser publicado – *Revista Universal Lisbonense* e *O Panorama* – algum indício de sua primeira recepção, uma vez que o texto de Garrett, *Viagens na Minha Terra*, que também começou sua publicação na *Revista Universal*, foi interrompido por motivos políticos.

[3] Entre maio de 2010 e abril de 2011, enquanto analisava as narrativas de ficção publicadas na *RUL*, fui bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian no Real Gabinete Português de Leitura.

outros periódicos oitocentistas e ao espólio do Castilho. Conversando com minha orientadora e o coordenador do meu programa, ficou claro que a possibilidade seria concorrer a uma das bolsas de doutorado-sanduíche do programa para passar em Lisboa o primeiro quadrimestre de 2012. Para isso era preciso ter terminado todos os créditos, incluindo a qualificação, e apresentar um plano de pesquisa, que deveria ser aprovado por um professor de fora da UFF. Entreguei o plano na secretaria da pós-graduação no mesmo dia que qualifiquei e, assim que consegui a confirmação da bolsa, passei a procurar passagem e hospedagem. Em Lisboa, eu estaria sob supervisão de um especialista em periódicos, folhetins e cultura portuguesa oitocentista, o prof. dr. Ernesto Rodrigues, da Universidade de Lisboa.

Acomodações

Mesmo conhecendo Lisboa (minha última estada lá havia sido em 2010, a passeio), escolher um quarto apenas por fotos na Internet não foi tarefa fácil. Eu sabia em que região da cidade eu queria ficar, tanto pela vizinhança quanto pela facilidade de acesso aos serviços de transporte (o metrô funciona muito bem, mas não é desejável ter que percorrer todos os dias várias estações ou trocar de linha). Resultado: na primeira semana lá, tive que procurar outro lugar, porque o apartamento lindo nas fotos, na rua de S. Bento mesmo ao pé do Largo do Rato, tinha sérios problemas com a eletricidade e acesso à Internet. Escolhendo pessoalmente é mais fácil e mais seguro. Se fosse repetir a experiência hoje, iria para um hostel e procuraria em Lisboa os quartos disponíveis. Acabei encontrando um apartamento recém-reformado na freguesia de S. Sebastião da Pedreira com alguns quartos ainda disponíveis e a 2 ou 3 quadras de estações de metro das linhas amarela (para a Universidade de Lisboa e Biblioteca Nacional), azul (para a Baixa – centro da cidade) e vermelha (para o Oriente, zona renovada de Lisboa, com um grande Shopping, o Centro Comercial Vasco da Gama), o que tornava bem rápidas as deslocações pela cidade. Além disso, era quase em frente a um excelente supermercado Pingo Doce que também

servia pequeno-almoço (café da manhã) e almoço (por preços bem acessíveis) e vendia quentinhas a peso.

A primeira parte da viagem requer paciência para resolver algumas questões burocráticas, mas essenciais: transporte, comunicação, regularização e dinheiro. Como também sou português (tenho dupla nacionalidade), não tive nenhum problema para entrar no país, mas quem não tem passaporte europeu deve sair daqui com visto de estudante. Em meu primeiro dia útil lá, tratei de tirar o "passe", o cartão Lisboa Viva (que depois passou a se chamar Navegante). Já saí do Brasil com fotos 3x4 e pedi urgência (mais caro, mas vale a pena) e no dia seguinte já estava carregando meu cartão para Metro e Carris (a empresa de autocarros e eléctricos de lá, ou ônibus e bondes, se preferirem), o que dava acesso ilimitado a esses transportes dentro da cidade de Lisboa por 30 dias (no meio de minha estada lá o sistema mudou para Navegante, incluindo também o uso dos comboios/trens da CP dentro da cidade). O segundo passo foi comprar um chip de telemóvel (celular). Eu tinha levado um aparelho desbloqueado e funcionou muito bem lá. A escolha da operadora é muito importante. Por indicação de uma amiga que estava fazendo mestrado no Porto, acabei escolhendo a Vodafone, num plano pré-pago, com aditivo para Internet e Brasil, de modo que eu falava de graça para quem tinha o mesmo plano e quase de graça para quem usava a mesma operadora e outro plano (saía mais barato ligar de lá para o Brasil do que para um celular de outra operadora, também era mais barato ligar desse celular para um fixo no Brasil do que do meu celular aqui no Rio para um fixo). Muita gente lá usa dois celulares, justamente pela diferença do custo de ligação entre operadoras.

Depois que eu já estava andando e me comunicando, era o momento de resolver assuntos mais chatos. Fui à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que já tinha minha documentação (eu tinha entrado em contato previamente e enviado por e-mail), então, já saí de lá com carteirinha de estudante com número de matrícula, que me dava acesso à cantina (o bandejão, com comida variada e barata), à biblioteca (climatizada, com bom acervo e confortável para estudar), e à Internet (após ser cadastrado, tinha acesso Wi-Fi

em todos os prédios da UL). No prédio da Reitoria abri minha conta numa agência da Caixa Geral de Depósitos e enviei os dados bancários à CAPES para que depositassem a bolsa. Duas semanas depois eu acabei voltando ao banco para alterar o tipo de cartão. O Cartão Universitário demora muito a ser emitido e não tinha chegado ainda. Acabei ficando com um normal, que chegou em 5 dias, e que não cobrava o primeiro ano de anuidade. Como eu só ficaria 4 meses, isso não seria problema.

Aproveitei muito bem o dinheiro que havia levado e o da bolsa. Como os preços em Portugal eram mais em conta do que os do Rio de Janeiro, voltei carregado de livros. Visitei diversos alfarrabistas, conseguindo assim comprar muitos livros de Castilho. Em minha última semana em Lisboa, começou a Feira do Livro, no Parque Eduardo VII – imperdível para quem quer comprar livros. Na feira os descontos são muito bons e é possível sair de lá com muitos livros pagando bem pouco. Ainda tive a sorte de encontrar a escritora Lídia Jorge, simpaticíssima, com quem conversei alegremente e que autografou dois livros dela que eu havia comprado lá.

Grupo Social

Inicialmente, eu achava que esse período de pesquisa seria meio solitário, mas foi justamente o oposto. Além de alguns amigos e familiares distantes que eu tinha em Lisboa, Tábua e Porto, que se mantiveram sempre em contato, aproveitando minha estadia em Portugal, tive mais companhia.

Já se encontrava em Portugal há uns meses um colega oitocentista, Moizeis Sobreira, doutorando na USP, pesquisador camiliano, que estava fazendo seu sanduíche também na Letras da UL, sendo supervisionado pela prof.ª dr.ª Vanda Anastácio. Quando eu cheguei, ele estava hospedado perto da estação Arroios, na linha verde do metro. Pelo que eu conhecia de Lisboa, não era uma boa região. Apesar de ocupada por muitos brasileiros, é também concentração de indianos, africanos e outros imigrantes, que acabou por afastar um pouco os lisboetas e tornou os bairros daquela zona não muito seguros. Após eu mudar de apartamento, ele acabou indo para a minha república. Foi

boa companhia para alguns passeios pela cidade, idas à Biblioteca Nacional e Biblioteca da Ajuda, e, além de trocarmos informações sobre nossas pesquisas, ele foi constante interlocutor para comentários sobre o jeito de ser dos "tugas".

Na semana em que ele foi embora, chegava à nossa república uma colega da UFF orientada também pela prof.ª Ida Alves. Flavia Tebaldi estava aproveitando suas férias para conhecer Portugal e, de quebra, fazer ali parte de sua pesquisa no espólio da Sophia de Mello Breyner Andresen na Biblioteca Nacional. Como esse acesso dependia de autorização prévia da família, o que levou alguns dias, acabamos passeando um pouco enquanto ela aguardava a liberação do material que iria pesquisar.

No meu primeiro mês em Lisboa, passaram por lá brevemente, para me fazer companhia em alguns passeios culturais, Tatiana Moysés e Marleide Anchieta. A primeira é mais uma oitocentista, doutoranda na USP. Marleide, mais uma colega da UFF, orientada por minha orientadora, pesquisa a poesia contemporânea e com ela visitei algumas livrarias.

Quanto aos portugueses, tradicionalmente de mais difícil acesso, por serem mais fechados, não tenho do que reclamar. Conheci excelentes pessoas nessa estada, tanto academicamente quanto socialmente. Foram mais do que trocas de bibliografias, informações sobre funcionamento da BN e da Torre do Tombo, e noites pelo Bairro Alto e Príncipe Real.

Sozinho ou bem acompanhado, visitei diversos museus[4], palácios[5], conventos, igrejas (ideal para quem, como eu, aprecia arquitetura), além de passear bastante pela cidade. Quem gosta de teatro também aproveita bem a vida cultural da capital portuguesa. Há uma programação variada e com preços bem acessíveis, ainda mais se comparados com o que é cobrado no Brasil. Assisti a peças nos tradicionais teatros D. Maria II[6] e da Trindade, além do Barraca.

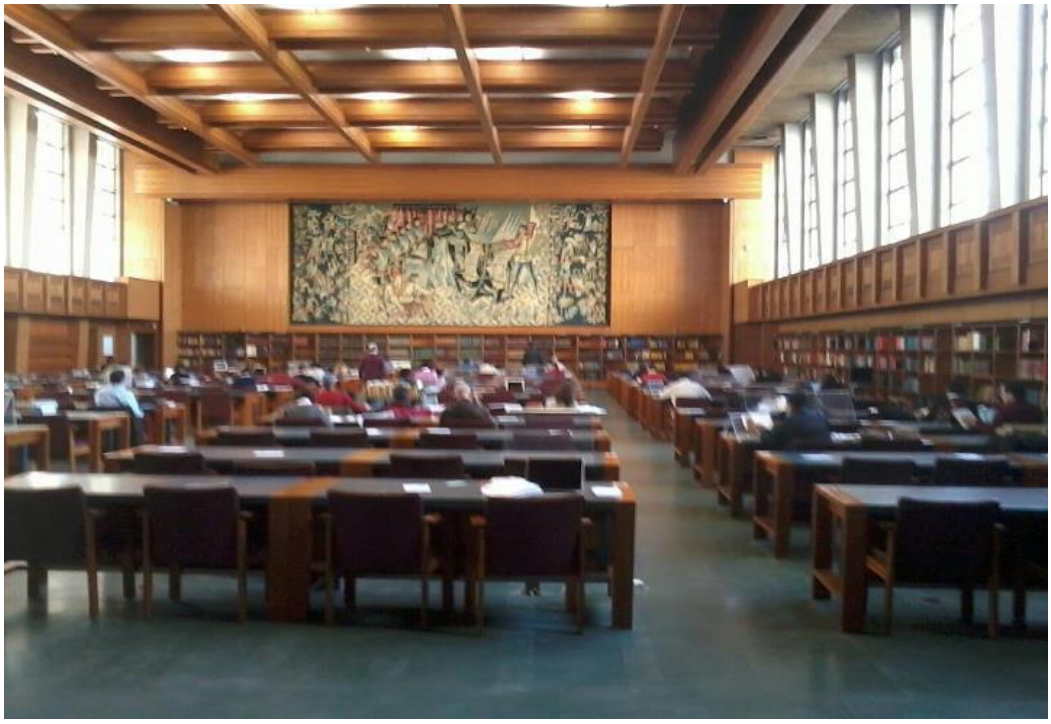
[4] Destaco o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu do Azulejo.

[5] Quem está envolvido com o Romantismo não pode deixar de ir a Sintra e visitar seus palácios.

[6] Incluindo uma adaptação contemporânea do romance *Eurico, o Presbítero*: A Paixão Segundo Eurico.

Os Periódicos

Quanto à pesquisa em si, o melhor a se dizer é que não se deve mesmo sair de casa sem um plano bem preparado sobre onde e o que pesquisar. Meu projeto indicava já alguma bibliografia sobre imprensa periódica que eu deveria ler em Portugal e foi por aí que comecei. Essas bibliografias sempre apontam para outras e acabei com mais referências do que esperava. E não era suficiente para resolver minha principal questão, conhecer a participação de António Feliciano de Castilho na imprensa periódica até ele assumir a redação da *Revista Universal Lisbonense*. A proposta inicial era a de pesquisar na Hemeroteca Municipal de Lisboa, na qual eu pesquisei muitas vezes virtualmente, por ter digitalizado quase toda a *RUL*, mas o acervo da Biblioteca Nacional é mais completo quando se trata de periódicos da primeira metade do século XIX.



Sala de Leitura da Biblioteca Nacional de Lisboa

Meu supervisor apontou um caminho, passou várias informações, mas, na prática, dependia realmente de paciência e sorte para encontrar o nome Castilho em páginas e páginas de diversos periódicos que eu lia tanto em papel quanto em microfilme. Eu levava uma listagem básica a partir de informações da biografia escrita por seu filho e de dados do *Dicionário Bibliográfico* do Inocêncio da Silva. Acabei encontrando muito mais do que esperava e sei que

não foi tudo o que ele publicou na imprensa, mesmo ampliando lá a lista de periódicos com os quais ele teria colaborado, simplesmente porque em muitos não há assinatura nos artigos e porque essa informação não foi apontada por ninguém na época. Mesmo assim, foi possível traçar um caminho dessa produção, de vários gêneros, e a ligação não apenas dele, mas de sua família (pai e irmãos) com diversos órgãos de imprensa e com a situação política da época.

Como comentei acima, Júlio de Castilho, filho mais velho de António Feliciano, redigiu uma longa bibliografia do pai e editou quase toda sua obra. Ao morrer, doou seu espólio e o de seu pai ao Arquivo Nacional Torre do Tombo. A Coleção Castilho não tem um catálogo facilmente acessível. Não está online nem em nenhum formato digital. Ainda é preciso procurar nas fichas das gavetas de arquivo, algumas estão datilografadas, mas muitas estão manuscritas. Em meu primeiro acesso vi que havia erros na catalogação, com obras do pai sendo apontadas como escritas pelo filho e vice-versa. A medida que eu solicitava alguma coisa, mais surpresas: várias indicações de cota trocadas. Era comum pedir A e vir B. Às vezes funcionava voltar ao catálogo procurando por B para, pedindo a cota de B, conseguir A. Mas nem sempre resolvia. Mesmo assim consegui acesso a uma interessante correspondência familiar cujo assunto era a redação da *RUL*, e correspondência com alguns dos proprietários da Revista e também com alguns dos colaboradores dela, incluindo indicações de Castilho sobre como deveriam ser essas colaborações.

Contudo, eu estava decepcionado com o espólio do ANTT. Havia muita coisa com data posterior a 1858, mas muito pouco de antes dessa data. Em contato por e-mail com minha orientadora, ela acionou um professor da Universidade de Coimbra, prof. dr. Pedro Ferro, que me levou diretamente às arquivistas da Biblioteca daquela Universidade para que eu tivesse acesso ao espólio castilhiano do fundo do Instituto de Coimbra que estava ali guardado. É a parte que complementa o espólio da Torre do Tombo. As referências na pasta de cada documento ainda são as feitas pelo Júlio de Castilho. Provavelmente ninguém acessou essa documentação desde que ele doou ao Instituto de

Coimbra e ainda não está disponível ao grande público. Lá, sob muito pó que caía a cada caixa aberta, a cada página virada, a cada documento mexido, além de uma correspondência que me interessava diretamente, havia alguns manuscritos inéditos de Castilho e, inclusive, o contrato de compra e venda da *Revista Universal Lisbonense* no qual estão indicados os direitos e deveres de Castilho como redator.

Graças a esses dois espólios, o da Torre do Tombo e o da Universidade de Coimbra, que continham alguns manuscritos de artigos de jornal com a indicação de onde haviam sido publicados, consegue-se identificar mais participação de Castilho na imprensa periódica, que tinha sido publicada anonimamente em jornais políticos.

Ainda visitei outras bibliotecas em Portugal. A belíssima Biblioteca da Ajuda, e a Biblioteca Pública Municipal do Porto. Fui por curiosidade de pesquisador de Alexandre Herculano, mas apenas no Porto encontrei o último volume da *Revista Universal Lisbonense*, que não existe nos acervos da BN, da Hemeroteca, ou online.

Biblioteca Municipal do Porto

Colaboradores da *RUL*

Com as facilidades da Biblioteca Nacional e por ela ficar aberta por um bom período, foi possível pesquisar tudo o que estava previsto, inclusive com os títulos extras de livros e periódicos descobertos ao longo da pesquisa, antes de findo o período da bolsa. Com o tempo que sobrou, aprofundei minha pesquisa em alguns dos colaboradores que me interessavam mais. Destaco aqui dois deles. Um já era alvo de minha atenção desde a primeira fase da pesquisa, António Pereira da Cunha, que me intrigava por seu lado político, um miguelista com ideias bem liberais. E uma senhora que começa sua carreira literária enviando cartas à *RUL* assinando "Uma Obscura Portuense". Sua participação faz sucesso, Castilho acaba descobrindo sua identidade e começa com ela uma longa troca de correspondência. A partir daí ela passa a colaborar como romancista e poetisa em diversos periódicos. Sua produção continua quase toda apenas nos jornais da época, com poucos estudos e nenhuma antologia, dado a dificuldade de identificar por onde está dispersa toda essa obra.

Encontro com a escritora Lídia Jorge

Circulação Cultural

Quem pesquisa qualquer autor português do século XIX deve ir a Portugal aprofundar suas leituras e investigar. Mesmo no caso de autores mais conhecidos, parte de sua produção ainda está apenas nos periódicos da época, que eram a principal fonte de circulação cultural. Além disso, a análise da troca de correspondência entre esses intelectuais possibilita o fortalecimento do tema da sociabilidade considerado a partir do estudo de documentos particulares que comprovam comportamentos, gostos, valores e ideias, auxiliando na compreensão de um grupo social e de uma época. Além de poder conhecer pessoalmente lugares por onde circularam esses literatos, o que, de alguma forma, parece torná-los novamente pessoas reais, não apenas nomes numa página.